

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Simone Rechia¹
Talita Marques Santos²
Marcelo Ponestki Oliveira³
Luize Moro⁴
Elaine dos Santos Oliveira⁵
Hildete de Almeida Galvão da Silva⁶
Karine do Rocio V. dos Santos⁷
Mariana Ciminelli Maranhão⁸
Thaís Gomes Tardivo⁹

Resumo:

O presente estudo buscou evidenciar a relação corpo, natureza, espaço urbano e cidade, baseado em intervenções em parques, bosques e praças da cidade de Curitiba, com crianças matriculadas na rede pública de ensino. Partimos do pressuposto que os conteúdos escolares devem contemplar essas questões, através de ações interdisciplinares, sendo o professor capaz de articular as problemáticas ambientais com o cotidiano de seus alunos. Objetivamos nesse artigo relatar as principais dificuldades encontradas nessas intervenções, analisando o currículo do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR; levantando subsídios teóricos e caminhos para a atuação dos professores de educação física neste contexto.

Palavras-chave: Educação Física, educação ambiental e formação de professores.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu da dificuldade encontrada durante as intervenções do projeto “UniverCidade: um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando”¹⁰,

¹ Doutora, Docente UFPR

² Mestranda, UFPR, Bolsista do CNPQ

³ Mestrando, UFPR, Docente PUCPR

⁴ Graduada, PUCPR

⁵ Graduada, UFPR, Bolsista PROGRAD-UFPR

⁶ Graduada, UFPR, Bolsista PROEC-UFPR

⁷ Graduada, UFPR, Bolsista PROEC-UFPR

⁸ Graduada, UFPR, Bolsista CNPQ

⁹ Graduada, UFPR, Bolsista PROGRAD-UFPR

que busca valorizar a relação entre corpo e natureza. Consideramos nesse projeto que a interpretação da realidade ambiental brasileira e em particular o compromisso da escola com a educação, pode possibilitar a vida em uma cidade socialmente mais justa e ambientalmente equilibrada. Para tanto, propomos intervenções em parques, bosques e praças da cidade de Curitiba com crianças matriculadas na rede pública de ensino, buscando contemplar a conexão entre corpo, natureza, espaço urbano e cidade.

As práticas desenvolvidas têm como objetivo aguçar a sensibilidade, a criatividade e possíveis reflexões acerca dos problemas ambientais que permeiam a vida do educando, resgatando valores e condutas sociais como respeito, solidariedade, justiça, honestidade e cidadania.

Partimos do pressuposto que os conteúdos escolares devem contemplar estas questões, a partir de intervenções interdisciplinares. Neste sentido, ressaltamos aqui a importância do professor de Educação Física para potencializar essas ações a partir das práticas corporais, sendo capaz de articular as problemáticas ambientais com o cotidiano de seus alunos contribuindo para a formação significativa do sujeito.

Entretanto, durante as primeiras intervenções sentimos certa dificuldade em conectar as práticas corporais com a educação ambiental, o que nos fez perceber a necessidade em buscar novos subsídios teórico-metodológicos para cumprir com a proposta do projeto. Por este motivo passamos a nos questionar se o currículo do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná oferece recursos teórico-metodológicos para que os acadêmicos possam atuar de forma interdisciplinar no campo escolar.

Desta maneira, objetivamos nesse artigo, identificar e relatar as principais dificuldades encontradas nas intervenções do projeto; analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Educação Física e o Projeto Pedagógico de Educação Física da UFPR; levantar subsídios teóricos e caminhos para a atuação dos professores de educação física neste contexto.

Acreditamos na relevância destas reflexões para os profissionais da área de educação física visto que as pesquisas do CEPELS apontam a necessidade de realização de intervenções pedagógicas em áreas verdes das cidades (parques, bosques e praças), pois a partir de experiências corporais no tempo/espaço de lazer, pode ser possível sensibilizar os sujeitos para uma vida em sociedade um pouco mais harmônica.

RELAÇÃO CORPO/NATUREZA

A partir da era industrial, com o êxodo da população rural para a cidade, surgiu a necessidade de recriar a presença da natureza no meio urbano, denominando-a “espaço verde urbano”. No entanto, hoje vivemos um período de crise aguda, onde esses espaços verdes tornaram-se escassos. Além disso, o modo de vida urbano e a falta de investimento público geram na população um desinteresse por estes locais, e conseqüentemente, poucas experiências corporais em ambientes naturais. Ressaltamos, que é através do movimento e da relação com o outro que refinamos o auto-conhecimento (LEE-MANOEL, 2002)¹¹. Desta forma, torna-se fundamental para o

¹⁰ Projeto desenvolvido no CEPELS (Centro de Estudos e Pesquisa em Esporte Lazer e Sociedade) do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná coordenado pela professora Simone Rechia.

¹¹ Citado por Boneti; Alarcon; Bergero, 2005, p.177

desenvolvimento humano e para as inter-relações sociais a convivência em espaços públicos.

Entretanto, a sociedade moderna vem se relacionando com os espaços naturais urbanos de forma utilitarista, tratando-os como um objeto a ser transformado de acordo com as suas necessidades. Porém, precisamos superar essa concepção racional e objetiva sobre a relação sujeito/natureza para enxergarmos que esta interfere direta/ou indiretamente nas ações do ser humano. Tal superação pode ser facilitada pela educação. Segundo Carvalho

(...) ambiente é o lugar das inter-relações entre sociedade e natureza. Educar-se torna-se, nesse ponto de vista, uma aventura pela qual o sujeito e os sentidos do mundo vivido estão se constituindo mutuamente na dialética da compreensão/interpretação. (2006, p. 83)

Entretanto somos levados, segundo a mesma autora, a olhar o mundo sempre da mesma forma e de modo permanente, pois “Inscrevemos as condições naturais em que vivemos em nosso mundo de significados, transformando a natureza em cultura” (p. 76), assim somos ao mesmo tempo natureza e cultura. Nessa dinâmica cultural os costumes são facilmente adquiridos, e quando estabilizados incorporam-se a nossa natureza biológica, sendo modificado apenas quando nos provocam insatisfação. Portanto,

o que é biológico no ser humano se encontra simultaneamente infiltrado na cultura. Todo ato humano é biocultural. [...] o corpo expressa por meio de gestos a relação com o mundo no qual está inserido [...] corpo que vai sendo construído e desconstruído de acordo com as relações complementares entre o natural e o orgânico; corpo que, ao criar práticas de movimento, é ao mesmo tempo o espaço de expressão da vida. Corpo que se comunica através de seus gestos, e que ao mesmo tempo é orgânico, cultural e social. (MENDES citado por MELO; ANTUNES; SCHNEIDER, 2005, p.91)

Desta forma, todas as estratégias educacionais devem considerar a cultura como um elemento fundamental do processo e, a partir desse pressuposto, consideramos a educação ambiental “como estratégia básica de enfrentamento das sociedades atuais com a crise ambiental” (Carneiro, 1999, p. 73). Porém, a formação ambiental, entra nesse cenário

exigindo um redimensionamento das práticas pedagógicas, e outras diretrizes para um saber ambiental que não é apenas livresco, mas articulado com a prática social e com uma estreita relação entre investigação, ensino, difusão e extensão do conhecimento. (ALVES; SIMAS, GUIMARÃES, 2006, p.70)

Segundo Costa (2002), o profissional deve possuir conhecimentos de geografia, história, biologia, ecologia, botânica, entre outras ciências, além de noções de primeiros socorros e cultura local de cada uma das áreas que percorre.

Ao analisarmos a formação dos educadores em diferentes áreas, observamos uma lacuna em relação ao entendimento da problemática ambiental. Tal fragilidade foi constatada também no diagnóstico de alguns currículos universitários sobre a incorporação dessa questão, que confirmam a resistência e dificuldade de assimilação dessa discussão conectada com diferentes áreas (ALVES; SIMAS, GUIMARÃES, 2006, p.71). Compreende-se, então, como necessária uma articulação entre formação

universitária e organizações sociais, assim como a participação política na sociedade civil

As usuais concepções de educação relacionadas ao meio ambiente – *sobre, no e para* –, separadamente (sob a visão naturalista), não dão conta da problemática ambiental. A educação *sobre* o meio ambiente se resume basicamente ao ensino de Ecologia, com vistas a entender seu funcionamento. A educação *no* meio ambiente tem o meio como objeto de estudo. Na educação para o meio ambiente, já se parte de concepções prévias sobre o que seja meio ambiente e, usualmente, as impõe. Com frequência propunha-se a educação *para* o meio ambiente (desenvolvimento sustentável, trabalho, trânsito, entre outros) como sendo a melhor estratégia para a solução dos problemas. As pessoas, em geral, não conseguem perceber que lhe está impondo alguma coisa (que devem ser educadas para aquilo, não tendo condições ou opções de escolha ou abertura para a reflexão sobre o tema) nem ver outras possibilidades que não sejam a sua própria. (ANGOTTI e AUTH, 2001, p.19)

Neste sentido, deve-se ter uma compreensão mais ampla das questões relativas ao meio ambiente e do seu significado para a sociedade contemporânea, independente da área específica de atuação, se quisermos realmente contribuir para o processo de conservação.

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS: PROCESSO CONTÍNUO DE (RE)ELABORAÇÃO METODOLÓGICA

Avaliando a primeira intervenção realizada no Parque Barigui, em Curitiba, constatamos que as práticas corporais vivenciadas, de certa forma, foram reduzidas a uma ação mecânica com o intuito de envolver os participantes, distanciando-se dos objetivos propostos. Assim as ações aconteceram de forma isolada, onde ora eram contempladas as práticas corporais, ora buscava-se ampliar o conhecimento dos participantes sobre as espécies vegetais e animais presentes no local. Esta falta de sintonia fez com que cada profissional centrasse suas ações em sua área específica com pouca profundidade de reflexão para aquele contexto.

Da mesma forma, devido ao nosso pouco conhecimento sobre as questões ambientais, a natureza era entendida como mero pano de fundo sem uma conexão direta entre corpo/natureza. Nesse sentido, Bruhns (2001, p. 94) ressalta que essa percepção reduz a natureza “a um cenário teatral na qual os protagonistas se utilizam para suas atividades de aventura”. Entretanto, Rechia e França concordam com Santos ao afirmar que:

O espaço não é um pano de fundo impassível e neutro. Assim, este não é apenas um reflexo da sociedade nem um fato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais. O espaço é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de uma certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que são próprias. Existe uma dialética entre forma e conteúdo, que é responsável pela própria evolução do espaço. (2006, p.66)

Ao tratarmos o ambiente natural apenas como cenário, somos levados muitas vezes a não considerar a singularidade do “lugar”, desconsiderando a potencialidade que esse ambiente poderia dar as práticas corporais.

Outro ponto frágil avaliado durante a intervenção pedagógica foi uma tendência a dividir os conteúdos em áreas distintas e isoladas. Concluímos que a falta de conexão

entre os saberes geram um obstáculo a ser superado na execução da Educação Ambiental (EA).

Percebe-se que esta concepção pedagógica (interdisciplinaridade) ainda necessita de um maior entendimento para ser efetivada e produzir a consecução dos objetivos da EA. O que se espera pelo menos é a produção de um conhecimento que não esteja fragmentado e que contribua para a solução da problemática ambiental (TAVARES, p., 2003).

A partir dessas constatações sentimos a necessidade de repensar o processo metodológico das nossas ações. Assim, estudamos com mais profundidade conceitos e teorias pertinentes à temática do projeto, buscando relacionar tais conhecimentos com as práticas desenvolvidas. Para tanto, organizamos um cronograma com encontros semanais no Departamento de Educação Física da UFPR com a participação das secretarias envolvidas. Tal ação resultou na reformulação das práticas existentes, solidificando a base teórica e tornando evidentes alguns ideais do projeto.

Com o objetivo de aliar os novos conhecimentos teóricos com as práticas desenvolvidas no projeto, elaboramos a segunda intervenção. Tal intervenção aconteceu em uma trilha do Bosque do Papa, articulada e realizada em conjunto com a SMMA. Na avaliação desta intervenção percebemos que foi possível um grande avanço, porém ainda estávamos muito dependentes da SMMA em relação aos conteúdos ambientais mais específicos.

Realizamos também uma intervenção com 60 crianças do Projeto Galha Azul¹². Durante esta ação foram abordados temas como: meio ambiente, percepção tempo/espço, coletividade, diversidade e trabalho. Após a intervenção e análise dos registros pontuamos dificuldades na prática realizada, dentre elas, estabelecer equilíbrio entre conteúdo e tempo. Observamos que os conteúdos trabalhados excediam o tempo disponível para a prática. Entretanto, mostrou-se bastante significativa a estratégia de conectar temas específicos, espaços e práticas corporais.

Dando continuidade ao cronograma seguimos para a última intervenção do semestre. A escola indicada pela SMMA foi a Escola Municipal Paranaguá, situada no Bairro Santo Inácio em Curitiba. A escola possui um bosque agregado que serviu como critério de escolha para a intervenção, já desapropriado há algum tempo. Conforme a metodologia do projeto, realizamos visita técnica ao bosque e planejamento das ações, tendo como eixo temático a reapropriação do espaço, as inter-relações sociais, cooperação e confiança.

Nesta intervenção especificamente optamos por sensibilizar, primeiramente professores e representantes da comunidade local, iniciando com apresentação teórica do projeto na escola, seguido da intervenção no bosque.

Durante o processo de planejamento das ações percebeu-se uma total falta de reconhecimento da comunidade em relação ao espaço. Tal fato nos remete a pensar que

¹² O Projeto Galha Azul, uma parceria entre a UFPR e Instituto Ayrton Senna, desenvolve atividades dentro do programa de educação pelo esporte, proporcionando aos participantes do projeto um conjunto de experiências de aprendizagem tendo como eixo estruturador o esporte, organizadas em nível de complexidade e respeitando a história, as potencialidades, as competências e os desafios de cada criança e adolescente.

os sujeitos só se apropriam de determinados espaços a partir do momento em que os identificam como um “lugar” singular.

Nesse sentido para Rechia e França (2006, p.62) “lugar” constitui a dimensão da existência que se manifesta por meio de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas e instituições”.

Espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. O espaço fechado e humanizado é lugar. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar, pois as suas vidas são movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. O lugar representa segurança, enquanto o espaço representa liberdade. (TUAN apud RECHIA, FRANÇA, 2006, p. 63)

Após a intervenção na Escola Municipal Paranaguá, realizamos a avaliação com bolsistas da UFPR, SMMA, professores da escola e associação de moradores. Nessa reunião constatamos que a experiência desenvolvida sensibilizou os professores e moradores do bairro, levando-os a (re)significar o bosque. Desta forma, a partir do reconhecimento da importância daquele espaço, foi possível transformá-lo em um “lugar” significativo no bairro.

Para tanto, ficou evidente nos relatos dos participantes a necessidade de conhecer além das características físicas do local escolhido para a intervenção, também o seu entorno (escola e comunidade). Nesse sentido, para o êxito de uma ação de EA a realidade local deve ser respeitada e compreendida. Sanchez e Pedrini (2006, p. 33) salientam que:

[...] Toda a educação é por si só ambiental e reflete o cotidiano e a realidade dos envolvidos de uma forma quase irremediável e inevitável. A educação é inevitável, no sentido que, sendo cotidiana e processual, a tal ponto que nos submete a todo instante, impõem-se aos sujeitos que oscilam entre mestres e alunos incansavelmente, numa mudança constante de papéis como num jogo enunciativo. É por esta diretriz que acreditamos que um programa de Educação não pode estar desvinculado de uma proposta que reflita as necessidades e realidades locais.

O APRENDER – ENSINAR DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Diante das dificuldades encontradas durante o processo de implantação e desenvolvimento do projeto resolvemos analisar o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR elaborado em 2007’. Percebemos que embora um de seus objetivos seja fundamentar conhecimentos nas ciências humanas, sociais, da natureza, e das tecnologias buscando relacioná-las com a realidade social, ainda estamos muito distantes dessa conexão no processo de formação.

Outra questão instigante é que o currículo visa, segundo os documentos oficiais, garantir que a formação do professor aconteça de forma integrada com a realidade social, entretanto, a divisão e a carga horária das disciplinas ainda faz com que os conhecimentos sejam tratados em suas áreas específicas e isoladas dentro das salas de aula. Paulo Freire (2005) denomina este formato de educação como ‘educação bancária’, onde cada professor é detentor de um determinado conhecimento e tem como objetivo transmitir o seu saber para o aluno. Esse modelo de prática pedagógica torna quase que impossível correlacionar conhecimentos para intervir na realidade social.

Partindo para a análise das ementas, das 45 disciplinas ofertadas, observamos que apenas uma disciplina potencializa a expressividade, duas trazem reflexões sobre

concepções de corpo e de práticas corporais, uma aborda questões como diferenças e diversidade e duas são abertas a temáticas emergentes na sociedade contemporânea.

Já na disciplina intitulada “projetos integrados”, a qual é livre para a proposição de temas sugeridos pelos professores, percebemos que somente em um semestre foi ofertado um projeto de práticas corporais na natureza.

Dentre os grupos de pesquisa existentes no departamento de Educação Física, somente o CEPELS, contempla em suas ações – projetos de pesquisa e extensão – correlacionados com as práticas corporais e o meio ambiente.

Portanto, após essas análises concluímos que poucas disciplinas contemplam conteúdos que se aproximam do referencial teórico do nosso projeto e nenhuma delas faz relação direta com o meio ambiente. Portanto, nossas dificuldades teórico-metodológicas estão vinculadas em grande parte com as deficiências no currículo, e conseqüentemente, com a formação acadêmica que não está atenta á importância da relação corpo/natureza no processo de conscientização ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de interdisciplinaridade tornou-se um obstáculo a ser superado, porém com a parceria da SMMA conseguimos minimizar tais dificuldades. Assim, nas avaliações das intervenções que sucederam a fase do repensar o projeto, percebemos que foi possível estabelecer de maneira muito mais completa, a conexão entre corpo e natureza, levando os participantes a experienciarem mais conscientemente essa relação. Os indivíduos ao entrarem em contato com ambientes naturais têm a possibilidade de significá-los, ou seja, de torná-los lugar.

Por todos os avanços e aprendizados que tivemos durante essas intervenções, a partir dos processos de planejamento e discussões, podemos afirmar que a existência dos projetos de pesquisa e extensão são de fundamental importância para uma formação acadêmica mais completa, pois são ultrapassados os limites e os conteúdos da sala de aula. Além disso, o contato com diferentes realidades pode trazer outras possibilidades e caminhos para novas concepções.

Salientamos que as preocupações com as questões ambientais, tornaram-se na sociedade atual, responsabilidade de todos. Nesse sentido, independente da área de conhecimento que atuamos a grande meta deve ser a sustentabilidade da vida no planeta, a ser obtida pela educação como uma prática política que conduza a sociedade civil a mantê-la como principio de cidadania.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, José A. P. AUTH, Milton A. Ciência E Tecnologia: Implicações Sociais E O Papel Da Educação. In: **Ciência & Educação**, v.7, n.1, p.15-27, 2001.

ALVES, Letícia; SIMAS, Joseani; GUIMARÃES, Adriana. Atividades físicas de lazer em contato com a natureza: um estudo da formação dos profissionais. **Anais do III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Santa Maria, 2006.

BRUHNS, Heloísa. **Esporte e Natureza: A Experiência Sensível**. Revista Motriz, v.7, n.1, p. 93-98, 2001.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **A dimensão ambiental da educação escolar de 1ª. - 4ª. séries do ensino fundamental na rede escolar pública da cidade de Paranaguá**. Dissertação de doutorado em Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: A formação do sujeito ecológico**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, Patrícia. A fundamental Educação Ambiental. In: **Senac & Educação Ambiental**, v.11, nº 1, janeiro/março, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41ª ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2005.

MELO, Cristiane Ker de; ANTUNES, Priscilla de Cesario; SCHNEIDER, Maria Dênis. Cuida(do) corpo: experimentações acerca do “cuidar de si”. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (orgs.). **Práticas Corporais: Experiências em Educação Física para a outra formação humana**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005. p. 89-114. v. 3.

RECHIA, S.; FRANÇA, R. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação!. In: MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOLLI, F. R.; SOUZA, D. L. de. **Esporte e lazer: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas**. Jundiaí: Fontoura, 2006.

SANCHEZ, Celso; PEDRINI, Alexandre de Gusmão. Educação Ambiental e seus Outros. In: **Anais do V Congresso ibero**, 2006

TAVARES, Francisco José Pereira. **A Educação Ambiental na formação de professores de Educação Física: uma emergente conexão**. Revista digital Efdeportes. nº 61 - Junho de 2003, Buenos Aires. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd61/eamb.htm>. Acessado em 15 de junho de 2008.

TRISTÃO, Martha. **A Educação Ambiental na Formação de Professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.